O CONHECIMENTO NOSSO DE CADA DIA: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS ATUAIS

EVERYDAY KNOWLEDGE: CURRENT EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES

Daiane da Fonseca Pereira*

RESUMO
O presente estudo tem por objetivo refletir sobre possibilidades de escapar da lógica dicotômica do pensamento europeu que subordina sujeitos, saberes e promove epistemicídio em massa. Considerando o Pós-Segunda guerra como momento de guinada, questionamos quais as possibilidades de não repetir o padrão epistêmico ocidental como modelo referencial do conhecimento que assegura a permanência de elites intelectuais que seguem um cânone branco, que não dá conta das dinâmicas internas da sociedade brasileira. Para tanto, propomos uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Santos (2007), Hall (2019), Ela (2016) e Mbembe (2014), dentre outros pós-coloniais, que investem na chave da racialização para compreender como o projeto europeu colonização se estabelece como forma de dominação. É evidente a necessidade permanente de questionar a forma eurocêntrica de como se aplica o conhecimento iluminista, o que contribuirá para que escutemos novas vozes e para que outros saberes possam ser difundidos, afinal não é aceitável pensar a produção de conhecimento no ocidente sem problematizar o investimento feito para negar a capacidade de produção de saberes de povos não europeus.
Palavras-chave: racialização; pós-colonialismo; epistemicídio.

ABSTRACT
This study intends to reflect on the possibilities to escape the dichotomous logic of European thinking that subordinates subjects and knowledge while promoting mass epistemicide. Considering post-war reality as a turning point, we wish to evade the epistemic occidental pattern as a referential model of knowledge that ensures permanence of an intellectual elite who follows a white canon that is unfit to comprehend the internal dynamics of brazilian society. As such, we propose a bibliographical review based on authors such as Santos (2007), Hall (2019), Ela (2016), and Mbembe (2014), among others that invest in racialization as a way to understand how European's project of colonization establishes itself as way of domination. It is evident the permanent need of questioning the European model and how it applies the enlightenment knowledge, which will contribute to highlight new voices and to widespread different knowledge. After all, it is unacceptable to think western's production of knowledge without questioning the investment made in denying the production of knowledge of non-European people.
Keywords: racialization; post-colonialism; epistemicide.

INTRODUÇÃO

Através dos tempos, a humanidade vem produzindo conhecimento sobre si. Compreender como se dá esta produção é mister para questionar as bases do pensamento ocidental bem como este se estabeleceu enquanto o único regime de verdade, desconsiderando a gama de conhecimentos produzidos por outras culturas. Com bases fincadas no racionalismo, no empirismo e no positivismo, paradigmas epistemológicos foram estabelecidos e assimilados como universais. Contudo, afirma Jean-Marc Ela (2016, p. 16) "Seguindo este percurso, povos inteiros, designadamente da África negra, correm o risco de se encontrarem massivamente numa verdadeira pré-história da razão. Nesse sentido, pertenceriam à era pré-científica da humanidade", pensamento que pode ser estendido a outros povos de diversas parte do mundo

Ignorando as diversidades de cultura, impõe-se uma ciência etnocentrada que estabelece a Europa como modelo de civilidade, como berço da razão humana. A ciência, posta como discurso de dominação ou até mesmo uma crença. Para Boaventura de Sousa Santos (2007), o conhecimento ocidental tem suas bases no pensamento abissal, pois não permite o pensamento do outro, estabelecendo um abismo entre o dito científico e os demais saberes. Assim, existe um saber, uma ciência hegemônica e o que está fora desse campo é invisibilizado. Mais que isso, o abismo representa a própria ausência de abismo, uma vez que apenas quem está do outro lado da linha do pensamento abissal pode enxergá-lo. Essa invisibilidade é produto da apropriação e da violência nos territórios

* Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil. dfpereira04@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1934-6194>.

http://dx.doi.org/10.1590/01031813v64120258676768

coloniais. O pensamento abissal desconsidera que "uma ciência é um saber, um produto do espírito humano, um discurso sobre a realidade, assente na observação da realidade, mas que não é a realidade em si" (ELA, 2016, p. 13).

O campo epistêmico construído pelo ocidente não comporta as novas etnicidades, uma vez que não permite pensar novos regimes de representação, outras realidades. Pensamos aqui as novas etnicidades na perspectiva de Stuart Hall (2019), considerando a tensão estabelecida entre regimes de representações e novas formas de identificação que deixam estas novas etnicidades em constante transformação e em disputa.

Partindo desse contexto, questionamos: quais as possibilidades de não repetir o padrão epistêmico ocidental como modelo referencial do conhecimento? O objetivo é refletir sobre possibilidades de escapar da lógica dicotômica do pensamento europeu que subordina sujeitos, saberes e promove epistemicídio em massa, como assinala Boaventura de Sousa Santos (2007). A partir de uma revisão da bibliografia que vem se consolidando nas ciências sociais no esforço para libertar a produção do conhecimento das amarras do eurocentrismo, tais como as Epistemologias do Sul, os estudos Decoloniais, o Orientalismo e os estudos Pós-coloniais, temos um universo teórico a ser explorado, mas que em sua boa parte sequer foi traduzido no Brasil, o que dificulta as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no país. Afinal, a Filosofia pode não ser grega. Existe uma discussão filosófica que estava para além da Grécia e talvez o racismo epistêmico seja a única justificativa para termos a exclusão desses autores da História da Filosofia da humanidade e ainda hoje não termos estas discussões de forma mais acentuada em nossas universidades.

Não mais é aceitável pensar a produção de conhecimento no ocidente sem problematizar o investimento feito para negar a capacidade de produção de saberes de povos não europeus, uma política que, segundo Aparecida Sueli Carneiro (2005) teve a função de destruir as formas de saberes locais dos povos colonizados. Por isso, há que se considerar os efeitos do epistemicídio na desqualificação destes saberes, uma vez que se trata de um processo que em essência invisibiliza e oculta as contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo ‹saber› ocidental. (SANTOS, 2007). Para tanto, discutiremos a seguir as condições de produção intelectual a partir do Pós-Segunda Guerra Mundial para então refletir sobre a desconstrução do outro colonial

1. FIM DO NOVO MUNDO

A discussão acerca da relação do europeu com o outro por ele construído vem sofrendo alterações desde o Pós-Segunda Guerra Mundial, período em que mudanças epistêmicas, sociológicas e de solidariedade enquanto grupo, com o surgimento de um tipo de sociabilidade que valoriza o individual emergiram no horizonte. É a partir dos anos 1950 que intelectuais negros começam a questionar toda uma ciência ocidental produzida no seio do colonialismo. As coisas estavam mudando radicalmente e novas formas de representatividade passaram a ser possíveis, vários migrantes africanos e caribenhos estavam chegando nas grandes metrópoles do mundo, estabelecendo há um só tempo um paradigma colonial e metropolitano.

É em reação a este cenário que a ONU – Organização das Nações Unidas, cria sua principal agência, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em 1945, uma iniciativa institucional para se pensar o mundo não na perspectiva da guerra. Para tanto, inicia-se um processo de construção da história dos povos na perspectiva dos próprios sujeitos, não mais restrito ao ponto de vista imperialista europeu. A bandeira levantada pela UNESCO era a da necessidade de se conquistar as mentes, criar sujeitos plurais para construir um novo mundo em que a diversidade fosse considerada. Assim, a ONU se propôs transnacional, mas há que se questionar os propósitos e métodos utilizados pois há autores que denunciam o caráter estritamente acadêmico das pesquisas, sem se ater às demandas sociopolíticas e econômicas dos afrodescendentes[1].

Segundo Stuart Hall, o que realmente distorce as identidades culturais do final do século XX é a globalização, entendida aqui como a integração completa da produção econômica, dos mercados, dos sistemas financeiros, dos fluxos de informação e da tecnologia por todo o mundo, junto com o movimento universal de capitais, bens, mensagens e imagens e pessoas da mídia, resultando na alteração das fronteiras estabelecidas, reais e simbólicas (HALL, 2019).

1 A esse respeito consultar (MAIO, 2000), (GUERREIRO RAMOS, 1982) e (NASCIMENTO, 1982).

CC BY

Mas a segunda metade do século XX é também marcada pela descolonização de colônias europeias na África e na Ásia "enquanto experiência de emergência e insurreição" (MBEMBE, 2014, p. 19). Isso porque, afirma Achile Mbembe,

> a colonização não passou de uma tecnologia ou de um simples dispositivo, não passou de ambiguidades. Foi também um complexo, uma trama de certezas, umas mais ilusórias do que outras: a força do falso. Foi certamente um complexo nómada, assumindo também, em muitos aspectos, um caráter fixo e imóvel. Habituada a vencer sem ter razão – serem em mutação perpétua. E foi assim que a Coisa e sua representação suscitaram a resistência daqueles que viviam sob seu jugo, provocando simultaneamente insubmissão, medo e sedução e semeando esparsamente a essa descolonização (MBEMBE, 2014, p. 19).

Entender a colonização é indispensável para compreender a profundidade das transformações em curso. O grande discurso sobre assimilação criado no Iluminismo revelou seu obscuro: todos podemos pertencer a uma família de homens desde que pareça cada vez mais com os outros, o que mudou a partir de 1960, período posterior a descolonização e o iminente despertar da revolução da consciência negra, do movimento estadunidense pelos direitos civis. Este momento marca uma ruptura com o discurso do Iluminismo e do humanismo liberal sobre o qual se baseava as lutas de resistência. O debate interno entre igualdade e diferença se instalou de forma generalizada no discurso antirracista e anticolonial. (HALL, 2019).

Em *História Geral da África*, Ki-Zerbo destaca logo de início que "A África tem uma história" (2010, p. 31), o que parece óbvio, mas extremamente importante, considerando a tese de Hegel (1999) de que, na história humana, "tudo aconteceu racionalmente, que ela foi a marcha racional e necessária do espírito universal; Espírito cuja natureza é sempre idêntica e que a explicita na existência universal". Ao estabelecer a razão como essência da verdade, Hegel também afirma que a razão "governa o mundo", e isso inclui a história, também tida como "um processo racional" (HEGEL, 1999, p. 17 - 18). O problema é que a filosofia ocidental ao se intitular universal, excluiu muitos povos do mundo do uso da razão. Na perspectiva hegeliana, a África, por exemplo, é um lugar fora da História, pois esta é racional e para aqueles considerados desprovidos de razão, a História seria território proibido. Ki-Zerbo enfatiza que esta tese defendida por Hegel, e tantos outros representantes da filosofia eurocêntrica, não é concebível. O cenário evoluiu muito, principalmente desde que países da África recém independentes começaram a participar ativamente da comunidade internacional. (KI-ZERBO, 2010).

Um dos propósitos da colonização era a ocupação dos espaços supostamente vazios, dos povos sem história, o que completaria aquilo que é o mercado mundial. Tudo o que se produziu nos últimos setenta anos mostra que estes espaços nunca foram vazios, eles foram esvaziados pelo pensamento europeu para poder construir uma tese de povos sem história e assim ocupar estes espaços.

Quando se pensa que depois de 1960 todo o planeta está inserido no mercado e se tem fluxos populacionais oriundos de diversas partes do mundo para todas as partes do mundo, o mundo colonial se despedaça e com ele se despedaça o projeto europeu de dominação. Abre-se a possibilidade de leitura não a partir da dominação, pois a ideia de Novo Mundo tal qual a Europa proclamou foi profundamente abalada, em seu lugar emerge povos que têm história, povos que percebem como são construídos identitariamente como inferiores e povos que passam a ter intelectuais que vão escrever sobre como se deu esta construção.

> No pensamento da descolonização, a humanidade não existe a priori. Deve fazer-se surgir pelo processo através do qual o colonizado desperta para a consciência de si, apropriando-se subjectivamente do seu eu, desmonta a sua cerca e permite-se falar na primeira pessoa. Em contrapartida o despertar para a consciência de si ou ainda a apropriação de si não visam unicamente a realização do eu, mas também – e ainda mais significativamente – a ascensão em humanidade, um recomeço da criação, a abertura do mundo (MBEMBE, 2014, p. 59).

Por isso, Hall afirma que não se trata mais de emancipação, o que se abre é o momento de luta por hegemonia, é o momento, diria Frantz Fanon (2008) de passar a "outra coisa". Mas vale sinalizar que o *Sair da Grande Noite*, conforme estabelece Mbembe, faz da

> comunidade descolonizada uma comunidade em movimento, uma comunidade de militantes, uma enorme caravana universal. Para outros, esta vasta companhia universal não poderia concretizar-se através de um afastamento da Europa, mas sim dedicando-lhe um olhar atento e compassivo, restaurando o suplemento de humanidade que tinha perdido (MBEMBE, 2014, p. 21).

Assim, a comunidade descolonizada faz o movimento no sentido da abertura do mundo que possibilita a construção de "outra coisa", possibilitando olhar para si não mais por meio de olhos de outros.

CC BY

2. REPENSANDO O "CONHECIMENTO NOSSO DE CADA DIA"

Se o mundo mudou Pós-Segunda Guerra, o capitalismo, com seu padrão de exploração, também se transformou, acentuando a individualização: o indivíduo não mais se confunde com o coletivo. O projeto colonial europeu teve suas estruturas fortemente abaladas na década de 1950 e a gama de conhecimento produzido no seio deste projeto precisa ser considerada na sua importância enquanto memória do que foi e representa na história da humanidade. Na perspectiva de Hall (2019), é preciso ler o projeto europeu na chave da racialização. Nesse sentido, colonização e escravização são momentos de um projeto de dominação europeia em que não apenas se construiu o outro, mas também desenvolveu uma tecnologia de sustentação desse outro, principalmente por meio de disciplinas, como a Filosofia, Sociologia, Literatura, que vão conformar e consolidar este outro.

Ao retirar a história e cultura da África, os afrodescendentes foram obrigados a viver em

> um mundo que não lhe concede nenhuma consciência real de si, mas apenas o deixa que veja a si mesmo por meio da revelação do mundo do outro. É uma sensação peculiar, esta dupla consciência, este sentido de sempre olhar para o próprio eu por meio de olhos de outros, de medir a própria alma pela fita métrica de um mundo que o olha com divertido desdém e pena (GILROY, 2001, p. 262-3).

Estamos o tempo todo falando do outro, mas não falando de quem o constrói. Para pensar o significado do projeto europeu e o momento em que se estabelece enquanto forma de dominação é preciso considerar qual a categoria que estrutura este projeto, o que para autores como W.E.B. Du Bois (2021), Fanon (2008) e Hall (2019) é a raça.

Para fins deste estudo, damos destaque à figura de Fanon (1998), pois o consideramos o ponto de virada, o ponto em que há a percepção que o negro está sendo construído pelo outro, o branco. Ao romper filosoficamente com esse ciclo, mostra-se que a Filosofia passada construiu os não europeus enquanto seres inferiores e abre a perspectiva que não estava posta no pensamento ocidental, a da agência de autoconstruir-se, deslocando-se e, ao mesmo tempo, questionado a forma como foi posicionado nas narrativas.

A partir de então, é possível pensar o negro como agente que se deslocou de uma construção racializada feita pelo pensamento europeu e em diálogo com este mostrar as contradições em relação a ideias como igualdade, fraternidade e liberdade. Destaque para a liberdade que é questão central, pois se somos racializados (negros e não-negros), a desconstrução dessa racialização, especialmente para os negros é um ato de liberdade e de possibilidade de autoconstrução.

Quando falamos em racialização estamos tratando de como as categorias e a própria episteme ocidental é racializada, uma vez que se apoia na construção racializada do outro. Ao estabelecer a Sociogênese, Fanon (2008) questiona o que antecede a construção do indivíduo e das sociedades. Esse é o lugar onde ele vai localizar o colonialismo e o que este fomentou em termos de construção desse que se tornará indivíduo e dessa sociedade racializada em que vivemos, afinal em uma sociedade racialmente organizada, a lógica de funcionamento cria tanto o negro quanto o não-negro. Ambos os grupos de pessoas se tornam prisioneiros desta lógica, evidentemente que com implicações distintas.

No violento jogo colonial descobre-se o núcleo do ódio a si mesmo, afinal o colono, o branco, fez o colonizado, fez "o negro". Em um processo de Epidermização, o negro é inventado por meio de práticas discriminatórias que fomentam a racialização. Por isso, em Fanon, o olhar do Outro também será determinante para a elaboração da subjetividade do negro que tem sua humanidade destruída, criando uma incerteza de quem se é, um sentimento de não ter um lugar. (FANON, 2008).

Neste ensejo, pode-se identificar, a partir dos fluxos do capital, da mudança do sentido da guerra, das mudanças tecnológicas, da importância da redução tempo-espaço, a construção da diferença que nos foi ensinada como substantiva e nunca foi tão visível quanto com a emergência dos estudos pós-coloniais. Há uma ruptura na teoria social com os estudos pós-coloniais em suas mais variadas abordagens. Não se trata apenas, afirma Hall (2003), de ser posterior, mas sim de ir além do colonial e obter seus ganhos teóricos expressando um viés interpretativo baseado na centralidade fluída da subjetividade, representações e significações. Desta forma, questiona-se a forma eurocêntrica como se aplica o conhecimento iluminista.

Apesar de em meados dos anos 1970 o debate acerca do discurso construído sobre negros e indígenas como povos sem história e sem cultura ter sido combatido pelas abordagens pós-coloniais, no Brasil ainda é possível encontrar a permanência deste discurso, o que legitima o fato de brancos ainda falar sobre negros, fortalecendo uma

CC BY

representação folclorizada dominante no imaginário brasileiro. É urgente romper com este padrão epistemológico que reforça o silenciamento de vozes outras que foram situadas como inferiores.

O colonialismo além de usurpar as riquezas, colonizou a produção de conhecimento dos povos conquistados. A dominação epistemológica opera por meio da apropriação e da violência que contribui para o epistemicídio de povos e culturas não ocidentais. Nas palavras de Santos e Menezes a dominação epistemológica é "uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados" (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 19).

Para estabelecer novas perspectivas é preciso reconhecer o epistemicídio enquanto estratégia de colonização que constrói narrativas que subalternizam a diferença. Apesar do fim do colonialismo datar do século passado, as marcas da colonização permanecem em nossas práticas. Ainda somos cartesianos e precisamos fazer o exercício de não repetir o padrão epistêmico ocidental como modelo referencial do conhecimento. É imperativo iniciar esse processo.

A produção de conhecimento é inerente a todo ser humano, e todas as vozes devem ser consideradas. Nossa estrutura acadêmica ainda reproduz uma hierarquia do conhecimento que define inclusive quais pesquisas serão financiadas, o que ocasiona na contenção da circulação de informação, assegurando a permanência de elites intelectuais que seguem um cânone branco, que não dá conta das dinâmicas internas da sociedade brasileira.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 280) já afirmavam que a teoria social deveria ficar consciente de seu contexto de surgimento, assim como seu lugar no contexto contemporâneo, pois "até os fortes conceitos básicos universalistas têm um cerne temporal". É preciso avançar nas discussões, superar as dicotomias que limitam as formas de pensar e fazer ciência. Há que se superar o "Tribunal da Razão" e abandonar o totalitarismo do esclarecimento defendido pelo Iluminismo.

É urgente pluralizar as fontes bibliográficas e problematizar o porquê das escolhas de teorias, categorias e metodologias. Desta forma, é possível estabelecer novos regimes de representação que são invariavelmente atravessados pelas questões raciais.

> O que é preciso apreender é em que medida o que sabemos, as formas de poder que aí se exercem e a experiência que fazemos de nós mesmos constituem apenas figuras históricas determinadas por uma certa forma de problematização, que definiu objetos, regras de ação, modos de relação consigo mesmo [...] (FOUCAULT, 2000, p. 350).

Isso implica na releitura crítica da literatura e da história produzida no seio do colonialismo no Ocidente considerando que a colonização é a destruição de um modo de vida, coloniza-se não apenas o território, mas também as mentes. Existe uma ciência social pós-colonial que não é só branca. Outras vozes são ouvidas, não apenas os clássicos, mas ainda temos que questionar a ausência de autores negros nos programas de disciplinas dos cursos superiores e de pós-graduação e o porquê de alguns textos não serem traduzidos.

Este questionamento reforça a crítica à colonialidade do poder/saber (MALDONADO-TORRES, 2007) que baseia os conceitos fundamentais da ciência ocidental. Assim, é possível interromper o ciclo que reproduz o regime colonial que, estruturado por práticas racializadas, perpetua violências epistêmicas contra saberes situados para além da linha abissal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria pós-colonial, em suas diversas abordagens, sinaliza caminhos para que o epistemicídio seja suplantado. O primeiro passo é a compreensão de que a hegemonia do saber eurocêntrico se deu a partir da invisibilização de outras formas de conhecer. Podemos fazer o movimento de efetivamente pôr em prática o entendimento de que a ciência é apenas uma forma de saber (ELA, 2016).

Por meio do violento processo de dominação colonial o mundo não europeu foi subalternizado e as populações colonizadas perderam o direito, dentre outras coisas, de ter suas formas de produção de conhecimento consideradas. Como resultado temos uma epistemologia branca/europeia que se intitula universal. Por isso, questionamos inicialmente as possibilidades de não repetir o padrão epistêmico ocidental como modelo referencial do conhecimento. Após as reflexões teóricas aqui estabelecidas, é evidente a urgência de escapar da lógica dicotômica do pensamento europeu que subordina sujeitos, saberes e promove epistemicídio em massa.

CC BY

Para tanto, é preciso investir em constituições epistemológicas e metodológicas que incluam o pensamento de toda uma filosofia elaborada por africanos, orientais, enfim, por intelectuais não brancos. Autores como Stuart Hall, Achille Mbembe, Jean-Marc Ela, dentre tantos outros, precisam integrar os currículos dos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Desta forma podemos almejar uma intelectualidade que conheça a importância da história que nos foi contada como única, mas que seja capaz de compreender que esta é apenas uma forma de saber que se intitulou universal às custas de um processo extremamente violento.

O entendimento da diferença como um valor fundamental para o debate nos permite visualizar outras possibilidades epistemológicas. É indiscutível que as condições sociais afetam o trabalho intelectual e que, para os não brancos, é necessário lutar continuamente para criar as condições que tornem possível a própria expressão intelectual.

Mas a consciência de que é mister compreender que os processos de construção de conhecimento são racializados deve ser de todos os intelectuais. Só assim é possível criar novos discursos, novas formas de representações e identificação que dê conta dos novos mundos criados e recriados por novos sujeitos.

Por fim, talvez devamos fazer sempre o questionamento indicado por Foucault "como nos construímos como sujeitos de nosso saber; como nos construímos como sujeitos que exercem e sofrem as relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações" (FOUCAULT, 2000, p. 350).

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR
Declaro que sou responsável pela redação do artigo intitulado "O conhecimento nosso de cada dia: desafios epistemológicos atuais", incluindo a revisão final para a publicação após o recebimento dos pareceres anônimos de avaliação do artigo. A autora procedeu à análise dos dados e escreveu a primeira versão do texto, além de realizar a leitura crítica do manuscrito como um todo, as discussões teórico-conceituais e a redação do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE
Declaro não ter filiação ou envolvimento com instituições que possam ter interesses financeiros ou não financeiros com o assunto discutido no artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA
Declaro que os dados públicos que apoiam as conclusões deste estudo – O conhecimento nosso de cada dia: desafios epistemológicos atuais – foi publicado no próprio artigo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.* Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: FEUSP, 2005. Acesso em 15 de maio de 2022, disponível em https://repositorio.usp.br/item/001465832.

DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

ELA, J. M. *Investigação Científica e Crise da Racionalidade*. Serra da Amoreira: Edições Pedago, 2016.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. Ditos e escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. FOUCAULT, M. *Ditos e escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 335-351.

GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GUERREIRO RAMOS, A. A UNESCO e as relações de raça. In: NASCIMENTO, A. D. *O negro revoltado.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 153-159.

CC BY

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte / Brasília: Editora UFMG / UNESCO, 2003.

HALL, S. *El Triângulo Funesto: raza, etnia, nación*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

HEGEL, W. *Filosofia da História*. Brasília: Editora UNB, 1999.

KI-ZERBO, J. *História Geral da África: I Metodologia e pré-história da África* (Vol. 8). Brasília: UNESCO, 2010.

MAIO, M. C. O Projeto Unesco: ciências sociais e o «credo racial brasileiro. *Revista USP*, Junho/agosto, 2000, p. 115-128.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

MBEMBE, A. *Sair da Grande Noite*. Serra da Amoreira: Edições Pedago, 2014.

SANTOS, B. d. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, 79, 2007, p. 71-94. Acesso em 24 de fevereiro de 2022.

SANTOS, B. d; MENEZES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

Recebido: 30/5/2024
Aceito: 30/8/2024
Publicado: 2/10/2024